

As ferramentas do senhor nunca desmantelarão a casa grande

Audre Lorde

Tradução: Daniel Françoli Yago

Já faz um ano que concordei em participar de desta conferência do *New York University Institute for the Humanities*, com o entendimento de que eu comentaria trabalhos que tratassem do papel da diferença nas vidas de mulheres americanas: diferença de raça, sexualidade, classe e idade. A ausência destas considerações pode enfraquecer qualquer discussão feminista acerca do pessoal e do político.

É uma arrogância peculiar da academia assumir qualquer discussão sobre teoria feminista sem antes examinar nossas muitas diferenças, sem qualquer participação significativa de mulheres pobres, de mulheres negras e do Terceiro Mundo, e mulheres lésbicas. E ainda assim, cá estou eu, como uma feminista lésbica negra, tendo sido convidada a tecer comentários no único painel desta conferência onde a entrada de feministas negras e lésbicas está representada. O que isso diz sobre a visão desta conferência é triste, num país onde o racismo, o sexismo e a homofobia são inseparáveis. Ler este programa é supor que lésbicas e mulheres negras não têm nada a dizer sobre o existencialismo, o erótico, a cultura das mulheres e o silêncio, o desenvolvimento da teoria feminista, ou heterossexualidade e poder. E o que significa em termos pessoais e políticos quando até mesmo as duas únicas mulheres negras que fizeram presença aqui foram literalmente encontradas de última hora? O que significa quando as ferramentas de um patriarcado racista são usadas para examinar os frutos desse mesmo patriarcado? Isso apenas significa que somente os parâmetros mais estreitos de mudança são possíveis e autorizados.

A ausência de qualquer consideração da consciência lésbica ou da consciência das mulheres do Terceiro Mundo deixa uma grave lacuna no interior desta conferência e dentro dos textos aqui apresentados. Por exemplo, em um trabalho sobre relações materiais entre mulheres, foi exposto um modelo dicotômico, do tipo "ou, ou", de carinho que rejeitou totalmente o meu conhecimento enquanto uma lésbica negra. Neste trabalho não houve qualquer exame da mutualidade entre as mulheres, nem sobre sistemas de apoio compartilhado, nem sobre a interdependência tal como existe entre lésbicas e mulheres que se identificam como mulheres. No entanto, é somente no modelo patriarcal de amparo que as mulheres "que tentam se

emancipar talvez paguem um preço muito alto para os resultados", como esta comunicação constata.

Para as mulheres, a necessidade e o desejo de uma cuidar da outra não são patológicos mas redentores, e é dentro desse conhecimento que redescobri nosso real poder. É essa real conexão que é tão temida por um mundo patriarcal. Somente em uma estrutura patriarcal a maternidade é a única força social acessível às mulheres.

A interdependência entre mulheres é o caminho em direção a uma liberdade que permita que o Eu seja não explorado, mas criativo. Esta é a diferença entre o estar *[to be]* passivo e o ser *[being]* ativo.

Advocar em prol da mera tolerância da diferença entre mulheres é recorrer à forma mais grosseira de reformismo. É uma total negação da função criativa da diferença em nossas vidas. A diferença não deve ser meramente tolerada, mas vista como uma reserva de polaridades necessárias entre as quais nossa criatividade pode faiscar à maneira do processo dialético. Somente assim a necessidade de interdependência se torna não ameaçadora. Somente sob o signo desta interdependência de forças diferenciais, reconhecidas e iguais, pode-se gerar o poder de procurar novas formas de estar no mundo, bem como a coragem e o sustento para agir onde não haja cartas referenciais.

É na interdependência das diferenças mútuas (e não dominantes) que reside aquela segurança que nos permite descer ao caos de conhecimento e regressar com verdadeiras visões do nosso futuro, junto com seu poder concomitante para efetuar as mudanças que podem trazer esse futuro a existir. A diferença é aquela conexão crua e poderosa a partir da qual nosso poder pessoal é forjado.

Como mulheres, temos sido ensinadas ou a ignorar nossas diferenças, ou a vê-las como causas de separação e suspeita ao invés de forças de mudança. Sem comunidade não há libertação, apenas um armistício vulnerável e temporário entre o indivíduo e sua opressão. Mas comunidade não deve significar uma supressão de nossas diferenças, nem a pretensão patética de que essas diferenças não existam.

Aquelas de nós que ficam fora do círculo da definição de mulheres aceitáveis de nossa sociedade; aquelas de nós que foram forjadas nos cadinhos de diferença – aqueles de nós que

são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas – sabem que a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. Sobrevivência é aprender a assumir nossas diferenças e a torná-las forças. *Pois as ferramentas do senhor nunca desmantelarão a casa grande.* Elas podem nos permitir temporariamente vencê-lo em seu próprio jogo, mas elas nunca nos permitirão fazer uma mudança genuína. E este fato é somente ameaçador para aquelas mulheres que ainda se utilizam da casa grande como sua única fonte de apoio.

As mulheres pobres e as mulheres de cor sabem que há uma diferença entre as manifestações diárias de escravidão marital e a prostituição porque são nossas filhas que fazem fila na 42nd Street. Se a teoria feminista americana branca não precisa lidar com as diferenças entre nós, e a diferença resultante de nossas opressões, então como lidar com o fato de que as mulheres que limpam suas casas e que cuidam de seus filhos enquanto vocês comparecem a conferências sobre teoria feminista são, em grande parte, mulheres pobres e mulheres de cor? Qual é a teoria por trás do feminismo racista?

Em um mundo cheio de possibilidades para todas nós, nossas visões pessoais ajudam a estabelecer as bases para a ação política. O fracasso das feministas acadêmicas em reconhecer a diferença como uma força crucial é o fracasso de seguir para além da primeira lição patriarcal. Em nosso mundo, dividir e conquistar devem se tornar definir e empoderar.

Por que outras mulheres de cor não foram encontradas para participar desta conferência? Por que me telefonar duas vezes foi considerado suficiente? Seria eu a única fonte possível de nomes de feministas negras? E, embora a comunicação da panelista negra termine com uma conexão importante e poderosa sobre o amor entre mulheres, o que acontece com a cooperação interracial entre feministas que não amam umas às outras?

Em círculos acadêmicos feministas, a resposta a estas perguntas, muitas vezes, é: "nós não sabíamos a quem recorrer". Mas esta é a mesma evasão de responsabilidade, o mesmo lavar de mãos, que mantém a arte de mulheres negras fora das exposições das outras mulheres, o trabalho das mulheres negras fora da maioria das publicações feministas exceto para uma ocasional "Edição Especial das Mulheres do Terceiro Mundo", e textos de mulheres negras fora das listas de leitura. Mas como Adrienne Rich destacou numa palestra recente, se as feministas tanto têm melhorado sua educação ao longo dos últimos 10 anos, como é que, ainda assim, não se tenha também melhorado a educação acerca das mulheres negras e as diferenças entre

nós – brancas e negras – quando este é um fator fundamental para a nossa sobrevivência enquanto um movimento?

As mulheres de hoje ainda estão sendo chamadas para servirem de ponte sobre o abismo da ignorância masculina e para educá-los a respeito de nossa existência e de nossas necessidades. Este é uma ferramenta antiga e primária de todos os opressores para manter os oprimidos ocupados com as preocupações do senhor. Agora o que ouvimos é que é tarefa das mulheres de cor educar as mulheres brancas – em face de tremenda resistência – a respeito de nossa existência, nossas diferenças, nossos relativos papéis em nossa sobrevivência conjunta. Este é uma dispersão de energias e uma trágica repetição de pensamento patriarcal racista.

Simone de Beauvoir, certa vez, disse: "É no conhecimento das genuínas condições de nossas vidas que devemos invocar nossa força para viver e nossas razões para agir."

Racismo e homofobia são as condições reais de todas as nossas vidas neste tempo e espaço. Convoco a cada uma aqui presente para ir até aquele lugar profundo de conhecimento dentro de nós e tocar este terror e este ódio pelas diferenças que lá vivem. Ver qual rosto elas possuem. E então o pessoal e o político poderão começar a iluminar todas as nossas escolhas.

Prospero, tu és o mestre da ilusão.

Mentir é sua marca pessoal.

E tu tens mentido tanto a meu respeito

(Mentido quanto ao mundo, quanto ao meu respeito)

Que terminaste impondo sobre mim,

Uma imagem de mim mesmo.

Subdesenvolvida, tu me rotulas inferior,

Este é o modo com que tu me forçaste a me ver.

Eu detesto esta imagem! E ela é uma mentira!

Mas agora eu sei, velho câncer,

E eu sei a meu respeito, também.

Caliban, em "Uma Tempestade" de Aimé Césaire.